

outra família para lhe difundir a mensagem cristã, particularmente entre alguma que saiba estar em dificuldades de relacionamento ou que já se fraturou; etc.

Claro que não fará falta acentuar a tónica de que essa «aproximação» deverá ser feita com muito «tato» pastoral e uma sã psicologia. Doutra forma, pode obter-se o efeito contrário: um maior afastamento. Mas supondo isso, é necessário que a totalidade da nossa Igreja se coloque em atitude de saída. De resto, todos os batizados têm de ser constitutivamente missionários, pois o missionário é o que leva «algo de válido» e todos os cristãos levam consigo a Jesus com quem se «configuram». De resto, todos em sintonia trabalham melhor e animam-se mutuamente.

9. A partir deste dinamismo de base, enumero algumas propostas de atividades específicas que cada agente pastoral procurará implementar no seu sector, dentro das possibilidades. Mas sempre com grandeza de ânimo e tentativa de fazer mais. Eis algumas, sem qualquer pretensão de hierarquia de importância:

- fazer deste um ano de todas as igrejas abertas, mediante uma escala de voluntariado que assegure vigilância;
- criar grupos de «missionários entre vizinhos» para a formação da fé, mesmo que tenham de andar de casa em casa;
- favorecer e aproveitar o potencial evangelizador das crianças na família e na Escola;
- em todas as Escolas Superiores, criar um grupo católico de receção e apadrinhamento dos estudantes Erasmus;
- usar lugares insuspeitos para falar de Deus «fora do sítio do costume»: cafés, gare de uma estação ou aeroporto, mercado, etc.;



- ir aos registos paroquiais, ver as datas a assinalar e fazer um telefonema ou convidar as pessoas para celebrá-las;
- promover «encontros improváveis», tais como debates com pessoas declaradamente ateias, agnósticas ou indiferentes;
- contactar pessoalmente os pais das crianças que não se inscrevem na catequese, os adolescentes que abandonaram a preparação para o crisma, etc.;
- felicitar os casais nos aniversários de matrimónio, visitar os doentes com a frequência possível e, quando falece alguém, ir cumprimentar as famílias antes do funeral;
- criar, nas Vigararias e Paróquias, um grupo de animação missionária;
- se houver missionários oriundos da Paróquia ou Paróquias vizinhas, criar um grupo de apoio ao sector onde esse/a missionário/a trabalha;
- celebração do Dia Mundial da Infância Missionária, a 6 de janeiro;
- valorizar os Conselhos Pastorais Paroquiais e criá-los onde ainda não existam;
- promover qualquer coisa no âmbito da piedade popular, especialmente peregrinações, pois é uma forma de atingir certas áreas não muito praticantes;
- nas cidades do Porto e Gaia, refletirmos mais profundamente sobre a pastoral urbana e lançarmos qualquer estrutura de acolhimento dos turistas;
- criação do Catecumenato em todas as Vigararias;
- investir mais na «pastoral da oração», quer iniciando à oração, quer fazendo propostas novas para quem anda em busca de mais espiritualidade.

10. Evidentemente, muito mais importante do que tudo isto é a forma como nos relacionamos com crentes e não-crentes. Especialmente os principais agentes de pastoral. Por isso, proponho que a «grande conversão» seja nossa e que passe, fundamentalmente, pela amabilidade, simpá-